

Coleção Aventuras Grandiosas

Mark Twain

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

2ª edição

 **EDITORA
RIDEEL**

INTRODUÇÃO

Quase todas as aventuras deste livro realmente aconteceram ou foram inspiradas em fatos reais. Talvez uma ou duas delas eu tenha inventado, mas a grande maioria foi vivida por meus amigos de infância e por outros colegas de escola. Posso dizer que Huck Finn e Tom Sawyer existiram de verdade, embora as características desses dois personagens sejam a mistura de três garotos que eu conheci há muito tempo.

As superstições que assombram este livro também assombravam as crianças e os escravos do Meio-Oeste e do Oeste dos Estados Unidos.

O principal objetivo desta obra é divertir meninos e meninas, mas isso não significa que possa ser desprezado pelos adultos. Penso que eles podem ter suas recordações despertadas, visitando, dessa forma, o que sentiam, falavam, pensavam e também as coisas estranhas que às vezes faziam no passado.



Capítulo 1

O CASTIGO

Thomas Sawyer vivia com sua tia Polly, seu meio-irmão Sid e sua prima Mary na cidade de São Petersburgo, numa casa simples, colada ao rio Mississippi. Embora não gostasse da escola, ele era um garoto muito esperto. Sua tia vivia beliscando-o em **REPRESÁLIA** às suas travessuras. Mas ele conseguia escapar das mãos dela, amolecendo seu coração de tia preocupada.

— Tom, onde está você?

Nada de o garoto responder.

— Tom? Tom Sawyer! É melhor você aparecer, garoto. Onde você está? Silêncio.

Tia Polly já tinha **VASCULHADO** a casa inteira e nada do garoto. Ela sabia que ele estava aprontando alguma. Sempre desconfiava quando tudo estava muito quieto dentro de casa. Quando Polly abriu a porta da frente para verificar se Tom Sawyer estava por ali, sentiu a presença dele às suas costas e virou-se imediatamente:

— Finalmente você apareceu! Por onde é que você esta... Ei, o que é isso no seu bolso?

— Bolso? Ah é, claro, o bolso. Isso aqui não é nada não, tia Polly.

— Nada! Como nada? Isso aí é uma maçã roubada da minha cozinha! Quantas vezes vou ter que dizer que essas maçãs **NÃO** são para o seu bico? Que você deve esperar pelo almoço?

— Tia! Tia! Cuidado! Olha pra trás, rápido!

Quando a mulher se virou o garoto passou por ela e saiu correndo pela rua. O ar era mais solto lá fora e o sol brilhava, aquecendo-o. Ela o xingou. Mas ria por dentro. Na verdade admirava a **ASTÚCIA** de seu sobrinho. Característica, aliás, que aumentava sua preocupação com o futuro dele. Ele tinha que se formar, mas gostava de matar aula.

Na rua Tom caminhava tentando assobiar de um modo que sua língua encostasse no céu da boca e produzisse um som de passarinho. Andou por quase uma hora tentando e quando conseguiu sentiu uma alegria mais pura do que a alegria de um cientista ao descobrir um novo planeta. Agora podia ir assobiando pela rua, atraindo os passarinhos. Sua cantoria só foi interrompida quando avistou ao longe uma pessoa desconhecida. Era um garoto um pouco mais alto do que ele. Quando alguém novo chegava a São Petersburgo,



REPRESÁLIA: retaliação, vingança



VASCULHADO: procurado, investigado



ASTÚCIA: artimanha, sagacidade



a cidade entrava em **POLVOROSA**. Todos comentavam o acontecimento inédito. Mas Tom não gostou do que viu. O garoto era um almofadinha. Estava muito bem vestido com um casaco de veludo azul e gravata. Tudo isso numa sexta-feira. “Se ao menos fosse domingo de manhã, quando todos se arrumam para ir à missa”, pensou Tom. Por isso ficou com raiva do garoto e resolveu encará-lo. Sem desviar o olhar, os dois ficaram medindo forças, até que Tom falou:

— Tá olhando o quê?

— Não te interessa.

— Mais respeito comigo, babaca. Eu sou Tom Sawyer. Se quiser eu te arrebento a pau.

— Uiuui.

Ao ouvir a provocação, Tom pulou em cima do garoto e os dois se **ENGALFINHARAM** na poeira da estrada. No meio da briga, Tom montou em seu oponente e começou a esmurrar seu rosto até ele gritar “Chega!”.




— Isso é pra você aprender a me respeitar e não se meter comigo, seu almofadinha!

O garoto saiu correndo, atrás dele um rastro de poeira saindo do paleto. Tom voltou para casa. Como sabia que sua tia estava furiosa com ele, decidiu entrar pela janela. Quando colocou a cabeça dentro do quarto viu que tia Polly o esperava lá. Ao ver que o garoto estava sujo e **AMARROTADO**, tia Polly decidiu dar um castigo a Tom Sawyer. No dia seguinte, um sábado, ele teria que trabalhar.

Capítulo 2 OS PINTORES

No sábado, após o almoço, quando o sol era um convite personalizado a cada um dos garotos de São Petersburgo, que se preparavam para pescar no rio Mississippi, Tom caminhava pela rua, carregando um pesado balde de tinta e um pincel.

Seu castigo por fugir com uma maçã e matar aula era pintar uma longa cerca de madeira, um muro alto de sarrafos justapostos que demarcava um terreno da tia Polly. Tom chegou na esquina onde a cerca começava e se assustou: tinha três metros de altura e trinta metros de comprimento! Era tão

-  **POLVOROSA:** agitação, rebuliço
-  **ENGALFINHARAM:** agarraram
-  **AMARROTADO:** amassado, roto

grande que ia até a outra esquina! Cinzenta e **ENCOSCORADA**, ela parecia um monstro dormindo. Tia Polly dizia que uma pintura nova dava vida às coisas e às paredes. Para Tom, aquela pintura nova era a morte de um sábado ensolarado, de banhos e pescas no rio Mississippi. Mas não podia desobedecê-la. Ela era boa para ele e merecia ter seu pedido atendido.

Desanimado, o garoto começou a dar suas pinceladas. Quando as primeiras gotas de suor lhe brotavam na face, Joe dobrou a esquina e veio na direção dele.

— O que você está fazendo, Tom?

Tom teve vontade de dizer “não vê que estou pintando essa cerca, imbecil!”, mas foi esperto, dominou a raiva e a transformou em algo melhor, com uma **ENTONAÇÃO** bem humorada:

— Estou pintando essa cerca! Olha só como a tinta preenche a madeira!

— Mas você não vai ao rio hoje? Todos os garotos combinaram de pescar e tomar banho. Vai ser legal.

— Olha, Joe, pra falar a verdade, eu posso ir ao rio todo dia. Estou até meio enjoado de pescar. Mas pintar é diferente... e não é todo dia que eu posso transformar uma cerca feia numa coisa bonita. Eu posso tomar banho no rio a hora que eu quiser, mas se quiser pintar uma cerca, sabe Deus quando terei outra chance.

O garoto olhou meio desconfiado, mas a propaganda de Tom Sawyer foi tão bem feita que ele sentiu necessidade de pintar. Estava pronto para ir ao rio, mas, depois dos **ARGUMENTOS** de Tom, tudo o que ele queria era dar umas pinceladas naquela cerca feia.

— Tom, será que você deixaria eu pintar um pouco?

Tom interrompeu sua atividade e olhou para o garoto:

— Sabe o que é, Joe. Eu gosto muito de pintar. E depois tenho medo de que você estrague meu trabalho. Acho que não vai dar — disse Tom voltando a trabalhar.

O garoto olhava a tinta cobrindo a madeira cinza e sua vontade aumentava. Por fim disse:

— Tom, se você me deixar pintar um pouco eu lhe dou um pedaço desta maçã.

Tom viu aquela maçã vermelha brilhando na mão de Joe e embaixo de sua língua começou a verter água. Mesmo assim, ele resistiu:

— Puxa, Joe, eu não posso, cara.



ENCOSCORADA: suja, encardida

ENTONAÇÃO: tom de voz

ARGUMENTO: raciocínio



— Certo. Vamos fazer o seguinte: me deixa pintar e eu te dou esta maçã inteirinha!

Tom passou o pincel para Joe, sentou na calçada e saboreou aquela maçã lentamente. Joe estava adorando manejar o pincel e dar uma nova cor àquela cerca. Logo, outros garotos apareceram e a princípio gozavam de Tom e Joe, mas rapidinho eram convencidos a trocar algum pertence por uns minutos de pintura. Antes do final da tarde Tom já havia acumulado um gato caolha, uma velha garrafa azul, três bolas, uma faca antiga e várias **IGUARIAS**. O melhor era ver os trinta metros da cerca branquinhos, brilhando no sol, enquanto Tom voltava para casa:

— Tia, já pintei tudo. Será que posso ir nadar no rio agora?

Polly fez uma cara de dúvida e foi até a rua. De sua calçada pôde ver a cerca resplandecendo ao sol. Sorrindo, ela falou para Tom:

— Claro que pode, lindo. Você trabalhou duro, merece se divertir!

Tom pegou uma maçã na cozinha e **ZARPOU** para o rio. Polly pensou: “Esse moleque não tem jeito, mas vale ouro”.

Capítulo 3

TOM DESCOBRE O AMOR

Numa certa manhã, Tom acordou tarde e se atrasou para a aula. Muito revoltada, tia Polly não permitiu que ele ficasse em casa dormindo. Mandou o garoto para a escola, mesmo que ele chegasse atrasado. Tom andou alguns quarteirões em direção ao rio encontrou seu amigo Huckleberry Finn. Huck, como era chamado, não ia à escola nem ficava em casa, pois sua mãe já era falecida e seu pai costumava beber muito uísque e bater nele. Dessa forma Huck estava sempre na rua, com roupas sujas e velhas. Era um desses sujeitos odiados pelas mães de seus amigos. Tinha fama de arruaceiro, mas ele e Tom se davam muito bem.

Naquela manhã Tom estava se sentindo meio perdido na rua, depois de ter levado bronca de por sua tia. Quando enxergou Huck seu rosto se iluminou:

— E aí, Huck? Como é que tá?

— Tô bem e você?

— Acordei tarde e até agora não fui para a aula.

— Sorte sua!

 **IGUARIA:** comida
 **ZARPOU:** partiu

— Huck, o que é isso que você está carregando?

— É um gato morto!

Tom riu da **EXCENTRICIDADE** do amigo e perguntou:

— Por que cargas d'água você está carregando um gato morto?

Huck fez um sinal pedindo para Tom falar mais baixo e disse como se contasse um segredo:

— Dizem que se você levar um gato morto para o cemitério à meia-noite, ele consegue tirar os mortos de seus túmulos...

— Nossa! Nunca ouvi falar disso. Será que é verdade?

— Não sei. Mas podemos descobrir hoje à noite. Você vai comigo? Não vai dizer que tem medo de fantasmas...

— Ora, Huck, até parece. É claro que eu vou, disse Tom bancando o machão, mas muito ansioso por dentro.

— Então passo na tua casa e bato na tua janela às onze horas, certo?

— Certo.

Animado com a programação para aquela noite, Tom foi à escola. Quando entrou em sua classe, o professor olhou para ele com fúria.

— Thomas Sawyer, o senhor está atrasado mais uma vez. Será que eu poderia saber o porquê dessa **DISPLICÊNCIA**?

Tom ia começar a falar mas, com o canto do olho, percebeu que havia uma garota nova na sala de aula. Virou um pouco o pescoço e teve certeza, ela era linda! Tinha olhos azuis e cabelos amarelos. Tom ficou olhando para ela e esqueceu a bronca do professor. Só pensava em sentar-se ao lado dela. Naquela época as garotas sentavam de um lado da sala e os garotos de outro. Um corredor separava os dois grupos. Em alguns segundos Tom tinha descoberto o amor e precisava sentar ao lado dele, saber seu nome, vê-la de perto. Mas como? O professor era tão bravo...

— Vamos lá, senhor Thomas Sawyer. Eu fiz uma pergunta. Quero saber por que o senhor chegou atrasado mais uma vez.

— Eu, eu fiquei conversando com meu amigo Huckleberry Finn. Por isso me atrasei.

Boa parte da turma riu da ousadia de Tom. Furioso, o professor pegou sua vara e bateu no traseiro de Tom várias vezes. Por fim mandou que Tom sentasse na metade feminina da sala, coisa vista como uma humilhação entre os meninos, que ficaram loucos de vontade de rir de Tom.

Ardido e dolorido, Tom estava feliz. Havia apenas um lugar desocupado na ala das garotas e era exatamente ao lado da nova colega. Algum tempo depois, quando a menina tirou os olhos do caderno e virou para o lado, viu



EXCENTRICIDADE: extravagância, esquisitice

DISPLICÊNCIA: falta de responsabilidade, descuido





uma bonita maçã sobre sua metade da mesa. Imediatamente ela empurrou a fruta para o lado de Tom. Mas, assim que teve uma chance, o garoto devolveu a maçã. Desta vez a menina não recusou o presente. Depois Tom começou a fazer desenhos e passá-los para sua colega. Primeiro desenhou uma casa. Ela gostou e pediu que ele desenhasse um homem. Ele atendeu seu pedido. Tom Sawyer tinha muita habilidade com o pincel.

Ela riu baixinho porque o homem era muito grande, maior que a casa. Em seguida pediu:

— Você consegue me desenhar?

Tom caprichou e desenhou a garota ao lado do homem. Com cuidado, para não ser pega pelo professor, ela disse:

— Puxa, você desenha muito bem. Eu não sei desenhar nada!

— Eu posso te ensinar depois da aula, se você quiser.

— Eu quero sim — ela disse com um sorriso.

— Qual seu nome?

— Becky. Becky Thatcher. O seu é Thomas, né? Eu ouvi o professor chamando-o...

— É... mas pode me chamar de Tom, meus amigos me chamam assim.

Mal terminou sua frase e Tom sentiu uma mão pesada em sua cabeça. Era o professor que o pegou pela orelha e o levou de volta ao seu lugar de origem, do lado dos meninos.

Capítulo 4 NO CEMITÉRIO

Conforme o combinado, Huck passou na casa de Tom às onze da noite e eles rumaram em direção ao Cemitério, numa colina a uns seis quilômetros da cidade. Chegando lá, os garotos colocaram o gato morto em cima de um túmulo e se esconderam atrás de algumas árvores, esperando para ver o que iria acontecer. Depois de algum tempo, o vento balançava as folhas das árvores, mas os cadáveres continuavam quietos, em suas sepulturas.

— Será que vai funcionar, Huck?

— Não sei. Talvez a gente devesse colocar o gato em cima do túmulo do senhor Hoss Williams. Ele morreu há pouco tempo, por isso eu acho que é mais fácil para ele voltar.

— Boa idéia. Vamos procurar o túmulo dele.

— Quietos, Tom!

— O que houve, Huck?

— Shhhhh. Silêncio. Estou vendo uma movimentação estranha lá nos fundos do cemitério.

Os dois rapazes se aproximaram dos vultos até ter certeza de que realmente havia alguma coisa lá.

— Eu acho que são os fantasmas, Tom.

Huck gaguejava.

— E são três! Estão vindo em nossa direção. Vamos embora, Tom.

— Calma, Huck, estamos bem protegidos aqui. Eles não podem nos ver aqui, atrás dessas árvores.

— Tom, você não sabe nada do mundo. Se os fantasmas conseguem atravessar paredes, por que você acha que eles não podem atravessar uma árvore?

— Então vamos fugir! Rápido!

— Calma, agora que eles estão mais perto eu acho que não são fantasmas, Tom.

— É mesmo, Huck! Eu conheço aquele ali. É Muff Potter. Os outros dois são Injun Joe e o doutor Robinson. O que eles estão fazendo aqui?

— Devem ser ladrões de túmulos, Tom! Não sei como uma pessoa pode arrombar um caixão atrás de anéis, pulseiras e dentes de ouro dos mortos. Ou então o doutor precisa de um cadáver. Depois ele corta o defunto e o estuda, meu pai falou que isso acontece bastante.

— Shhhhhh. Eles estão se aproximando.

Os três homens se aproximaram da sepultura de Hoss Williams. Injun e Muff começaram a cavar. Algum tempo depois a pá de Injun Joe atingiu a tampa do caixão. Com **PÉS-DE-CABRAS** eles abriram a tampa da caixa. Quando o doutor Robinson se aproximou para ver o conteúdo do caixão, Muff Potter disse:

— Doutor, se você quiser que a gente carregue o defunto até sua casa, são mais cinco dólares.

— Nada disso. Nós já tínhamos acertado o valor total essa manhã. Vocês têm que cumprir com sua palavra. Não vou dar nem um tostão a mais para vocês.

— Doutor, é melhor o senhor prestar bem atenção no que eu vou dizer — disse Injun Joe com uma voz **RÍSPIDA**. — Ou você passa a grana ou a gente te arreventa. Sua vida vai ser um inferno daqui por diante.

Para enfatizar sua ameaça, Injun torceu o braço do doutor, que reagiu dando um soco no bandido. Injun caiu no chão. Ao vê-lo ali, Muff correu para acertar o doutor Robinson. Os dois trocaram socos em volta do caixão aberto de Hoss Williams e na frente de Tom Sawyer e Huckleberry Finn.



PÉ-DE-CABRA: ferramenta usada como alavanca



RÍSPIDA: rígida, dura



BOQUIABERTOS, os meninos viram Injun se levantar com a faca de Muff Potter em suas mãos. Enquanto os dois brigavam, Injun chegou pelas costas do doutor e o apunhalou, no pulmão esquerdo. Antes de receber a facada, Robinson tinha acertado um soco no nariz de Muff, golpe que nocauteou o ladrão. Com a facada, o doutor Robinson caiu, ao lado de Muff.

Com a violência da cena Tom e Huck decidiram se mandar dali, antes que Injun os descobrisse e tentasse matá-los. Por isso não viram quando o assassino aproveitou que Muff estava desacordado e colocou sua faca manchada de sangue nas mãos dele. Quando Muff acordou uns cinco minutos depois, ficou assustado com o corpo de Robinson caído no chão e com sua faca suja em sua mão.

— O que aconteceu, Injun? Por que Robinson está caído?

— Porque você o matou, Muff, com sua própria faca.

— Eu matei?

— Você tem que manejar no uísque, Muff. Quantas vezes eu te avisei? Deu nisso. Agora o doutor está morto.

— O que eu vou fazer agora? Meu Deus, e agora?!

— Calma, Muff. Eu não vou contar para ninguém, mas é melhor a gente se separar por um tempo. Foge. Vai embora. Eu cuido de tudo.

Apavorado, Muff atravessou o cemitério correndo. Nunca tinha matado ninguém e sua mente estava muito confusa. Injun aproveitou a ausência do “amigo”, colocou a faca do crime ao lado do corpo de Robinson e foi embora do campo santo.

No dia seguinte os familiares deram falta de Robinson e a polícia o procurou por toda parte, mas foi um funcionário do cemitério que achou o morto. Quando os homens do xerife chegaram ao local do crime e examinaram a faca assassina, ela tinha o nome de Muff Potter gravado no cabo. Quando anoiteceu, Muff voltou ao cemitério na esperança de encontrar sua faca, mas o xerife havia previsto isso e o prendeu.

Por quatro semanas Muff ficou na pequena prisão de São Petersburgo, aguardando seu julgamento. Durante esse tempo Tom e Huck viveram dias de **TORMENTO**. Sabiam que Muff era inocente. Podia ser ladrão, mas não era assassino. Sabiam que ele seria enforcado injustamente, precisavam fazer alguma coisa. Mas tinham medo da vingança de Injun Joe. Se os meninos **DENUNCIASSEM** o verdadeiro assassino para a polícia, ele certamente ia tentar matá-los. Nesse **IMPASSE**, Tom e Huck viviam dias de angústia.



BOQUIABERTO: estupefato, bobo

TORMENTO: preocupação

DENUNCIASSEM: acusassem, delatassem

IMPASSE: problema, dilema

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

